

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO

Literatura Fantástica: Vertentes teóricas e ficcionais do insólito

O tema do presente dossiê – “Literatura Fantástica: Vertentes teóricas e ficcionais do insólito” – tem notável importância no campo dos estudos literários, dada a abrangência que essa área de estudos vem abarcando nos últimos anos em universidades brasileiras e estrangeiras. No Brasil, essa abrangência é configurada especialmente por intermédio da atuação de grupos de pesquisas de diferentes instituições de ensino superior do país, que vêm abrindo espaço para diálogos produtivos sobre a manifestação do insólito nas artes, principalmente na literatura, através de cursos, oficinas, eventos acadêmicos e publicações variadas.

Para se ter uma ideia da produtividade dos diferentes grupos de pesquisa na área em enfoque, faremos um brevíssimo histórico em que ficarão pautados alguns acontecimentos especialmente relevantes. No ano de 2007, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, instigado pelos excelentes resultados de um curso que havia ministrado sobre o maravilhoso, o sobrenatural, o estranho, o realismo mágico e o absurdo, o Prof. Dr. Flavio García, juntamente com seu grupo de pesquisa, certificado no Diretório de Grupos do CNPq, hoje denominado “Nós do Insólito”, promoveram o *I Painel: Reflexões sobre o Insólito na Narrativa Ficcional*, evento que atualmente se encontra na sua décima segunda edição, prevista para se realizar de 25 a 27 de março de 2013. No ano de 2009, contando com a adesão de novos alunos e professores, e dialogando com outros grupos de pesquisa do país que trabalham com a literatura fantástica, o mesmo grupo da UERJ organizou o *I Encontro Nacional do Insólito como Questão na Narrativa Ficcional*, juntamente com a VI edição dos Painéis, e, em 2012, promoveu o *I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional*, coincidindo com a XI edição dos Painéis. Enquanto todo esse movimento acadêmico acontecia na UERJ, outro grupo de pesquisa, denominado “Vertentes do Fantástico na literatura”, certificado, no Diretório de Grupos CNPq em 2008, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, tendo como líder a Profa. Dra. Karin Volobuef, também realizava atividades diversas no sentido de dar relevo aos estudos sobre as manifestações do fantástico na literatura, e por isso, em 2009, promoveu o *I Colóquio Vertentes do Fantástico na Literatura* na UNESP de Araraquara; dois anos depois, ocorreu a II edição do evento na UNESP de São José do Rio Preto. Em 2010, na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, em Minas Gerais, o Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas, também certificado no Diretório de Grupos CNPq, através de uma de suas linhas teóricas, voltada para os estudos da literatura fantástica, organizou o *Colóquio de Estudos em Narrativa: História e Ficção no Universo do Fantástico*.

Contando com a atuação de docentes e discentes dos três citados grupos e de outros pesquisadores de diversas universidades de todas as regiões do país, em julho de 2011, foi criado, junto à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Letras e Linguística – ANPOLL, o Grupo de Trabalho “Vertentes do Insólito Ficcional”, sob a coordenação do Prof. Dr. Flavio García (UERJ) e da Profa. Dra. Karin Volobuef (UNESP – Araraquara), que apresentou, no encontro nacional da ANPOLL de 2012, suas linhas de trabalho, os projetos de pesquisa a ele vinculados, bem como o cronograma de atividades a serem realizadas, como publicações e eventos para o biênio seguinte. Até a presente data, a união de tais grupos de pesquisa propiciou ao público acadêmico a produção de variados livros, seja como resultados dos eventos supracitados, sejam inerentes a projetos individuais dos pesquisadores.

Com a intensa produtividade dos estudos sobre a literatura que tem como elemento estruturador o insólito, os professores Flavio García, Karin Volobuef e Marisa Martins Gama-Khalil decidiram organizar um número temático sobre Literatura Fantástica, na Revista *Letras & Letras*, da UFU. A submissão de trabalhos à publicação foi imensa, chegando ao número de mais de setenta de artigos inscritos, representando recorde de submissões nessa revista desde a sua fundação. Com esse número volumoso de artigos de pesquisadores de todas as regiões do Brasil e de pesquisadores de quatro países estrangeiros, os organizadores do referido número temático decidiram aproveitar os trabalhos enviados para a publicação não só na *Letras & Letras*, como encaminhá-los para outras revistas, das quais alguns desses organizadores participam na equipe editorial. Para tanto, houve consulta formal aos autores dos artigos submetidos à publicação na *Letras & Letras*, e, somente após o explícito aceite por parte desses, tal empreendimento foi levado a cabo.

É nesse sentido que o *Caderno Seminal*, acolhendo a mesma temática para a qual os trabalhos foram produzidos, abriga, nesta presente edição, artigos acadêmicos enviados inicialmente para a *Letras & Letras*, textos esses que não poderiam deixar de vir a público para enriquecer o diálogo científico sobre as diversas manifestações do insólito na literatura.

A publicação proposta tem como meta agregar trabalhos que discutam as manifestações da literatura fantástica, em sentido lato, seja partindo de uma argumentação de ordem teórica, como também refletindo sobre a construção dessa literatura por intermédio da análise de narrativas que apresentem em sua trama a irrupção do insólito ficcional. Consideraremos como princípio norteador a ideia de a literatura fantástica ser uma grande rede que abriga diversas formas de construção ou manifestação do insólito. Nesse sentido, alargamos os limites temporais e estéticos impostos pelos estudos todorovianos, admitidos como paradigmáticos nos estudos da literatura fantástica, e compreendemos o fantástico em suas mais diversificadas modalidades, desde suas relações

com os mitos, passando pelo maravilhoso, pelo estranho até as mais recentes manifestações em que o insólito deixa sua marca na narrativa, por solapar as aparentes seguranças que o mundo pretensamente “real” nos impõe.

A literatura fantástica, com a apresentação de um mundo tão insólito e plural como esse que nos rodeia, age no sentido de promover o exagero ou o deslocamento do real e, por isso, sua representação não nos conduz a uma negação deste, mas incita uma revisão sua. Para que a revisão se concretize, é preciso mostrar que não existe Verdade, mas verdades – todas, a um só tempo, possíveis e, simultaneamente, também impossíveis –, e dar um foco diferenciado aos fatos expostos ordenadamente pelas instituições, que tentam discipliná-los e arrumá-los, e é por esse motivo que a literatura fantástica promove constantes deslocamentos – históricos e estéticos.

No presente dossiê, iniciamos com o artigo de **Amanda Pérez Montañés** sobre a presença do duplo na narrativa fantástica de Julio Cortázar, sendo o duplo entendido como sinônimo e correlato da ficção. Para a autora, o outro, nas narrativas de Cortázar, revela sempre uma nova e complexa realidade, uma outra possibilidade de o Eu entender a si e a seu entorno. O artigo de **Ana Luiza Ramazzina Ghirardi** oferece ao leitor uma outra manifestação do insólito, aquele relacionado à literatura popular quebequense, tendo como objeto de estudo central o *Conte populaire* de Charles Laberge, para mostrar a relação entre o imaginário popular e a narrativa fantástica.

As autoras **Laila Karla Lima Duarte e Heloísa Siqueira Correia** trazem de novo à cena Julio Cortázar tanto enquanto contista como teórico. Aliada à voz teórica de Cortázar, entra, para auxiliar na análise proposta, a concepção de neofantástico cunhada por Jaime Alazraki. As duas narrativas cortazianas postas em destaque analítico pelas autoras para demonstrarem aos leitores desta revista as teses elencadas são “Continuidade dos parques” e “Todos os fogos o fogo”. No artigo de **Lígia Pereira de Pádua**, o conto “Ligeia”, do grande mestre da literatura fantástica Edgar Allan Poe, é analisado em contraponto ao conto “Véra”, de Villiers de L'isle-Adam, para evidenciar de que forma o elemento fantástico é construído como núcleo estruturador das narrativas e que, sem a presença de tal elemento, ambas perdem seus principais efeitos de sentido. Seguindo também a linha de estudo comparatista, **Luciano Antonio** investe em uma análise de um conto do consagrado escritor da literatura fantástica brasileira, Murilo Rubião, e de um conto do escritor argentino já analisado em outros artigos, Julio Cortázar. O aspecto que realiza o eixo comparatista entre as duas narrativas é a forma como os dois autores trabalham com o duplo como elemento desencadeador do insólito ficcional.

Marco Antonio Rodrigues, ainda na perspectiva comparatista, toma como objetos de análise o romance *A jangada de pedra*, do português José Saramago, e *O feitiço da Ilha do Pavão*, do brasileiro João Ubaldo Ribeiro, com o objetivo de comprovar que o trabalho com o sobrenatural na contemporaneidade é acanhado em função de não haver, em nosso tempo, mais espaço para a utopia. O contemporâneo também entra em foco nas discussões realizadas por **Maria Fernanda Garbero de Aragão** sobre dois contos da escritora porto alegreense Vera Stigger. Nesses contos, a articulista expõe como as cenas de caos resultante da precária sobrevivência das personagens sugerem que o sólito é absurda e frequentemente insólito.

Tomando como fundamentação teórica de base algumas noções de Jacques Rancière, **Nuno Manna**, por intermédio de narrativas de Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Jorge Luis Borges, investiga como a construção da literatura fantástica se encontra atrelada à noção de política, já que o fantástico constrói-se a partir das palavras que sobram; ele desfaz leis e desloca os limites entre a ordem e a desordem. **Patrícia Tavares da Cunha Fuza e Ederson Vertuan** enfocam o fantástico pelo viés do discurso da profecia e, para tal meta, tomam como mote a *Canção de Siruiz* e a trajetória de Riobaldo, vivida entre o material e o imaterial, em um solo real dominado pelas leis do místico. O místico, atrelado ao mítico, também é base das reflexões realizadas por **Pedro Paulo Alves dos Santos**, na medida em que elege como tema os diálogos intertextuais entre a literatura cristã e a literatura clássica. O autor, partindo da expressão “Lago do fogo”, presente no texto do capítulo 20 de *Apocalipse*, elabora uma discussão acerca da intertextualidade do referido enunciado nos escritos referentes à aventura de Odisseu ao mundo de hádico. Um evento tipicamente cristão, o Natal, é tema de um conto de Lygia Fagundes Telles analisado por **Rosana Gondim Rezende Oliveira**. Em sua análise, a autora demonstra como as espacialidades que constituem o conto “Natal na barca” são responsáveis pela deflagração da ambientação fantástica.

Em um dossiê que tem como tema a literatura fantástica, uma análise de “O Horla”, de Guy de Maupassant, contribui muitíssimo para enriquecer as discussões. E esse é o caso do artigo de **Rosângela de Medeiros** que, partindo das duas versões do referido conto de Maupassant, trata de como o trabalho com o “outro”, o estrangeiro, é determinante para a configuração do insólito.

Como em alguns artigos anteriores, o tema do estrangeiro relacionado à literatura fantástica é o mote analítico de **Suely Leite** em seu artigo sobre o conto “Fronteira natural” da escritora brasileira Nélida Piñon. Nesse artigo, vemos a associação entre o estrangeiro e o estranho, por intermédio da leitura que Julia Kristeva faz da teoria freudiana. O dossiê se encerra com um artigo de cunho essencialmente teórico, no qual os autores, **Wandeir Araújo Silva e Liane Schneider**, procuram compreender como alguns procedimentos narratológicos estudados por Gérard



Genette são importantes para a construção da literatura fantástica.

Com este dossiê, oferecemos ao leitor quinze visões sobre o fantástico que demonstram, pela perspectiva teórica e/ou analítica, estratégias discursivas e temáticas de elaboração estética da literatura que tem o sobrenatural como elemento de base. Esperamos, nesse sentido, não só contribuir para mapear algumas formas de compreensão dessa literatura como também instigar novas possibilidades de interpretação da mesma.

Marisa Martins Gama-Khalil
UFU / CNPq